

AMARO FRANÇA  
LUIZ SCHETTINI FILHO

# EDUCAÇÃO EM PAUTA

FOMENTANDO NOVOS OLHARES



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

França, Amaro

Educação em pauta : fomentando novos olhares / Amaro França,  
Luiz Schettini Filho. -- São Paulo : Paulinas, 2021.

80 p. (Coleção Pedagogia e educação)

ISBN 978-65-5808-077-0

1. Prática de ensino 2. Professores 3. Educação I. Título II. Schettini  
Filho, Luiz III. Série

21-2327

CDD 371.3

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Prática de ensino 371.3

1ª edição – 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Andréia Schweitzer*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ana Cecilia Mari*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Capa: *Luciana Vieira*

Diagramação: *Tiago Filu*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62  
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)  
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.org.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)  
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2021

“Esperar de alguém mais do que  
ele é capaz de dar  
é ajudá-lo a crescer;  
esperar apenas o que ele pode  
efetivamente fazer é diminuí-lo.”

Goethe



“Amaro e Schettini são educadores inteligentes, cativantes, divertidos e empáticos. Nesta obra, mais uma vez, eles trazem grandes contribuições para os educadores e para as escolas; promovendo reflexões a partir de novos olhares e *insights* provocadores de mudanças – tanto na vida pessoal quanto na dinâmica organizacional. Recomendo imensamente este trabalho dos queridos amigos, pelos quais tenho admiração e carinho!”

*Renato Casagrande*  
Presidente do Instituto Casagrande  
Vice-presidente do Instituto  
de Educação Híbrida do Brasil



“A leitura desta obra singular me fez lembrar os diálogos que Paulo Freire realizou com muitos educadores e educadoras. A educação se desenrola no lugar humano e sua abrangência atinge, necessariamente, o conteúdo de humanidade em cada pessoa, na comunidade escolar e na sociedade. Gratidão aos autores!”

*Rodinei Balbinot*  
Presidente da Sapiência  
Desenvolvimento Profissional e Gerencial  
e diretor-geral de educação da Rede Santa Paulina





# SUMÁRIO

Prefácio .....	13
Apresentação.....	15
Um olhar sobre a pessoa do professor .....	17
Pessoa: um referencial em construção .....	27
Os referenciais educativos.....	35
Aprendizagens: forma e conteúdo.....	43
O fator estruturante do sucesso .....	49
Conexões e vinculações .....	61
Considerações finais.....	75
Referências .....	77



# PREFÁCIO

Eis um livro rico – humanizado e humanizador – que chega em um momento importante, com uma mensagem tocante. Em um momento que nos aproximamos de dois anos de pandemia, em que a maioria, senão a totalidade dos seres humanos no planeta, tem medo de morrer...

Dessa forma, nada melhor do que refletir sobre a nossa vontade de viver. É, pois, a partir desse olhar que os autores se debruçam sobre a pessoa do professor, bem como convidam todos os agentes escolares à dimensão do cuidado, ao acolhimento e à motivação, para que, a partir do relacionamento do professor consigo mesmo, possa este ser capaz de construir com o aluno, a família e os demais integrantes do corpo escolar – e também para além desses – uma relação de transformação.

Sem dúvida, é chegado o momento de refletirmos sobre o sentido da vida, e isso começa dentro de nós, na certeza de que a vida não está condenada, muito menos o futuro e, menos ainda, os nossos sonhos.

Vivemos hoje uma condição delicada, difícil e desafiadora, mas não uma condenação. Afinal de contas, ser humano é, sobretudo, ser “escolhedor”.

Nesta obra, por diferentes caminhos, o convite que senti é justamente este: que se pegue a vida nas mãos, que se ofereça ao professor não somente a acolhida, mas, também, a luz, a faísca, a chama e a oportunidade de que ele reflita sobre os seus propósitos pessoais e profissionais. Pois é a partir daí que o aluno espelhando-se e, para além disso, poderá encontrar também o seu próprio sentido de vida.

Desejo cordialmente uma boa leitura a todos! Que este livro possa tocar o seu coração, assim como tocou o meu, com a chama da esperança e a voz de que a distância entre o sonho e a conquista, muitas vezes, depende de nossas próprias atitudes.

*Leo Fraiman*

Psicoterapeuta, escritor e educador  
Criador da metodologia OPEE

# APRESENTAÇÃO

Eis que a vida nos concede dádivas, e que essas possam vir através dos encontros com pessoas, disso não tenhamos dúvida. Assim, poder estar, sentir, dialogar e consolidar ideias, sonhos e desejos, através desse encontro sobre educação, foi um dos grandes presentes que a vida nos deu e que, agora, compartilhamos com você, caro amigo leitor.

As reflexões e as provocações presentes nesta obra são muito mais frutos das nossas vivências – pessoais e profissionais – do que propriamente das teorias nas quais nos respaldamos para a formalização das nossas concepções.

Nossas histórias de vida (a minha e a do amigo-mestre Schettini) vêm marcadas pela convivência de longos anos, pelo profundo apreço de um pelo outro e por uma amizade plasmada no respeito às nossas singularidades. Dessa forma, edificamos uma consciência de que a educação ocorre no âmbito do campo afetivo e não no campo da competição. Sabendo que, como afirma Schettini,

“O amor que se dá será sempre a resultante do amor que se vive”.

Temos a honra e a alegria de poder contar com você neste encontro dialogal, agora ampliado por sua participação, perfazendo novos caminhos sobre o papel da educação, a formação docente, a pedagogia da convivência, os desafios e as perspectivas do uso das novas tecnologias digitais, da comunicação e da informação, as novas aprendizagens quanto à forma e ao conteúdo, bem como refletindo sobre os fatores que contribuem para o alcance do sucesso educacional e de vida.

Tenhamos claro que, tratando-se de educação, não basta a intenção – a atitude é que faz a diferença. Assim, agradecemos cordialmente por sua atitude em nos acompanhar nesta jornada (sinta-se abraçado!), sabendo que só logram o verdadeiro êxito os que ousam pelo bem da humanidade!

*Amaro França*

# UM OLHAR SOBRE A PESSOA DO PROFESSOR

*Comumente o professor recebe em sua formação abordagens nas áreas das didáticas, das metodologias, dos conteúdos, das avaliações – são instrumentalizações para o seu cotidiano no exercício da docência. Porém, pouca é a abordagem da formação do professor enquanto pessoa, e dessa pessoa (professor) em sua dimensão relacional com outra pessoa (o seu aluno). Contemplemos, assim, a necessidade de focarmos na integralidade da formação da pessoa do professor e nos seus “estabelecimentos” de vínculos construtivos com os alunos – para a eficácia do processo de ensino e das diversas aprendizagens.*

**SCHETTINI:** Quando se fala em educação, estamos falando de escola, sala de aula, professor, aluno. Então, no final das contas, temos que pensar na relação professor-aluno. Eu sempre entendi assim... E sempre lutei com uma interrogação a qual nunca pude responder satisfatoriamente, nem encontrei alguém que me ajudasse a respondê-la, que é sobre a formação do professor.

**AMARO:** Por muito tempo, se focou no fazer e nos resultados, esquecendo-se de pensar, de refletir e de cuidar daquele que faz o processo educacional por excelência, ou seja, a pessoa do professor.

**SCHETTINI:** Eu sempre interpretei assim. Observe o professor no que diz respeito a sua formação: recebe cuidados na área da metodologia (aprende metodologias), aprende conteúdos, aprende a avaliar a aprendizagem do aluno. Há uma ênfase grande nisso, mas, por outro lado, o aspecto do professor como pessoa, na relação com o aluno, fica um pouco à deriva. Você concorda?! Então, muitas vezes, o professor chega à sala de aula com um bom conteúdo, conhece as metodologias, tem uma didática até razoável, pois aprendeu alguns processos, mas, no estabelecimento da relação com o aluno, parece que se esquece de vê-lo como uma pessoa na sua singularidade.

**AMARO:** Há um aspecto importante na sua reflexão (e isso é até bastante abordado na psicopedagogia): o professor acaba reproduzindo os modelos de aprendizagens



que vivenciou enquanto educando. Acontece que nem sempre eles são as melhores referências. Nesse sentido dinâmico da construção do processo educacional (processo de ensino e de aprendizagem), você traz a relevância da metodologia, do conteúdo, da forma da atuação, talvez até de atuação cênica do docente nesse espaço... mas acredito que há um pressuposto fundamental – o pressuposto relacional. A escritora Alicia Fernández nos dizia que o conteúdo só vai acontecer de forma efetiva se ele passar por uma dimensão afetiva. E aí me pergunto: como trabalhar com essa integralidade da pessoa do docente? Essa pergunta é provocadora – sem uma resposta única, ou talvez, diria, com diversos caminhos como respostas.

**SCHETTINI:** É... Como trabalharíamos dentro desse contexto de preparação do professor como profissional na área do ensino? Trabalharíamos a parte dele, professor-pessoa. Qual é o instrumento mais importante de que o professor dispõe para fazer o seu trabalho, na área do ensino, na relação com seus alunos? Sem dúvida, é a sua pessoa. O grande instrumento é a pessoa do professor. A esse instrumento serão agregadas ferramentas como conteúdo, metodologia e didática. E como é que se faz essa preparação? Essa é a grande interrogação!

**AMARO:** Um dos elementos de “maior-valia” (utilizando uma expressão marxista) é que o professor tem esse valor, pois, de fato, é ele, a sua pessoa, que faz toda a

diferença! Por mais que haja instrumentalizações diversas, ou até mesmo o uso de novas tecnologias digitais da comunicação e da informação (NTDICs), o professor é um grande diferencial para a construção do processo ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, há um livro, *O professor como pessoa*, de uma doutora, a professora Jesus Maria Sousa, da Universidade da Madeira (Portugal), cuja abordagem trata de uma teoria da dimensão pessoal do professor – uma conceptualização positiva de si próprio, por um lado, e dos outros, por outro. Ela provoca, nessa obra, reflexões sobre a formação desse sujeito – a pessoa do professor. Fico pensando, Schettini, não sei se há um déficit quanto a esse aspecto na matriz curricular dos programas de formação das áreas da docência, porque... (e aí você traz um elemento bem significativo), geralmente, prospecta-se a estrutura curricular da formação de professores sempre com base na ótica do docente para com o aluno e nos processos de vínculos e aprendizagens que isso promove, a partir da construção do conhecimento, ou das metodologias utilizadas na construção desse conhecimento; mas, por outro lado (talvez, considerando-se aquilo de que me recordo da estrutura curricular dos nossos institutos superiores de educação), pouco se reflete sobre a promoção desse olhar introspectivo, desse olhar de um “autocoaching” (usando uma linguagem atual) do professor, desse profissional enquanto pessoa, bem como do olhar cuidadoso dos outros para com o docente.

**SCHETTINI:** Pronto, essa é a questão! E aí você já está provocando e, ao mesmo tempo, promovendo outra questão fundamental, que é a do olhar do professor para o aluno como pessoa, não é?! – quanto a essa questão até se faz alguma coisa. Mas, antes disso, ou paralelamente a isso, reafirmo que esse olhar do professor como pessoa tem sido colocado à margem... Fico me perguntando e fazendo um paralelo: como é que o professor se modela como pessoa/profissional? Um atleta, por exemplo, se prepara em vários aspectos, segundo o objetivo que pretende conquistar. Mas e o professor, ele vai se preparar para conquistar o quê? Conquistar a possibilidade de os seus alunos apreenderem aquilo que ele vai informar. Mas não é só isso! O conteúdo que ele vai transmitir também é importante, porque a informação, sem que esteja atrelada a uma formação, tende a produzir uma “deformação”, concorda?! Então, o professor tem que olhar nessas duas direções, e eu estou me abstendo aqui de fazer qualquer referência – talvez nem seja necessário agora – sobre a questão de metodologias e conteúdos; estou focando no professor como pessoa e, agora um pouco, no aluno como pessoa, pois eles têm de se encontrar (professor e aluno), porque o vínculo só se constrói quando as duas partes estão dispostas a se olharem... Uma referência que me ocorreu agora é a de Emmanuel Lévinas, filósofo, francês por adoção (ele não era francês, naturalizou-se francês, e eu nem sabia disso). Ele diz que, quando o outro olha para mim, eu me torno responsável por ele.

AMARO: Evoca um pouco da concepção do francês Antoine de Saint-Exupéry (em *O Pequeno Príncipe*), quando enfoca a relação do cuidado a partir da expressão do “cativar” e da corresponsabilidade para com o outro, e/ou, ainda, do biólogo chileno Humberto Maturana (na atualidade de seus escritos), quando afirma a importância da linguagem e da aceitação sob a ótica do outro...?!

SCHETTINI: Sim, mas é preciso olhar para mim: o olhar do outro para mim já constrói em mim uma responsabilidade por esse outro. Há um segundo livro do Lévinas, *Entre nós: ensaio sobre a alteridade*, em que ele diz que somos responsáveis até por aqueles que nos aborrecem! Então, veja: há um olhar para o aluno, em que o professor vai enfrentar suas limitações (sem sombra de dúvida), mas é preciso olhar para esse aluno como pessoa, dentro do contexto de suas singularidades. Aí entra o quê?! Entra o ritmo, o potencial intelectual do estudante, sua disponibilidade. E tem algo por trás de tudo isso, que é aonde o professor vai encontrar uma barreira: a história familiar do aluno.

AMARO: Em um dos seus livros mais recentes, *Pedagogia da convivência*, você toca na questão da importância do professor primeiro se conhecer, para poder conhecer o outro, a quem se destina o seu fazer.

SCHETTINI: É, é isso!

**AMARO:** ... para depois esse professor poder criar vínculos afetivos e efetivos, e isso é bastante rico, profundo. Recordo aqui o escritor Anselm Grün, no livro *A arte de ser líder de si mesmo para ser líder de pessoas*. Acredito que o trabalho de autoconhecimento, de autovalorização, de sentir-se pertencente, tem um sentido mais amplo de existência. Tudo vai conectar-se em um elo muito forte para a dimensão da docência – que tem um esplendoroso valor profissional. Mas também um valor que, talvez, hoje as pessoas não queiram pensar muito sobre: na docência, há uma dimensão de missão, isso sem descartar, obviamente, o valor profissional. Uma coisa não anula a outra, pois, por essência, a dimensão do ser professor é uma dimensão de entrega, não é?! Então, passa por essa construção de sentido, essa construção de propósito.

É importante refletirmos sobre isso e percebermos, por exemplo, porque os índices de comprometimento da saúde do professor são alarmantes no cotidiano educacional. (Você tem mais propriedade do que eu, nesse sentido, para identificar alguma dessas raízes...) Por que são tão gritantes as questões de comprometimentos psíquicos num considerável número de profissionais que exercem a docência hoje? É óbvio que não se trata de um único fator gerador, existem “inúmeros” elementos-desafios que aqui não vamos abordar, mas há um elemento pressuposto desse aspecto do sujeito enquanto indivíduo, enquanto pessoa singular, para poder fazer depois uma relação de aporte com o conhecimento – num vínculo estabelecido

que reflete posteriormente na dinâmica da sala de aula, na dinâmica da construção do conhecimento.

SCHETTINI: É... Eu até resumiria a questão assim: escolheria três palavras exatamente nesta ordem que vou colocar. Elas seriam (nesta ordem, até de grandeza e de importância): *ser, estar e fazer*. Observo que isso ocorre não só nessa área da relação com o professor, mas em outras áreas também, pois parece que as pessoas começam pelo caminho inverso, isto é, iniciam pelo fazer. O fazer torna-se a grande conquista.

AMARO: Até no fator de identidade, não é?! Quando se pergunta: “Quem você é?”, a pessoa já vai dizendo o que ela faz.

SCHETTINI: É... Quando se pergunta: “Quem é você?!” , a resposta é: sou professor, engenheiro, médico. Ora, isso é o que a pessoa faz! Tive uma experiência pessoal em relação a isso, que foi uma brincadeira que fiz e na qual me dei mal. Eu estava viajando pelo exterior e, em uma dessas fronteiras, se não me engano foi na Inglaterra – onde o povo é mais circunspecto –, não sei o que deu na minha cabeça (naquela época, eu tinha 28 anos de idade...). Bem, a autoridade lá simplesmente pediu meu documento e inicialmente me perguntou: “Quem é o senhor?”. E assim eu respondi: “Sou uma pessoa tranquila, que gosta de ouvir os outros. Às vezes, gosto de falar”... E aí, prontamente, ele me interrompeu e disse, de forma

ríspida: “Não estou perguntando isso”. Então, criou-se um clima difícil... Ele pediu os meus documentos e fiquei umas duas horas lá para dar explicações, porque, na realidade, não sou aquele nome, filho de fulano e fulana, mas também não sou aquela profissão. O que sou não tem a ver diretamente com o que faço, embora o que faço tenha, muitas vezes, a ver com o que eu sou. Então, veja, Amaro, a direção não é ser “como eu estou sendo pessoa”, e sim de que forma sou pessoa, pois, no momento em que me percebo como pessoa e, ainda mais, quando percebo o sentido da minha vida como pessoa, aí eu tenho condição de estar. E aí vem a segunda palavra: “estar” – estar com as pessoas. Trata-se da convivência, e isso, para mim, é importante. Posso estar bem com as pessoas e, com esses dois elementos (ser e estar), vou naturalmente desembocar no fazer. Então, é o ser, o estar e o fazer. Isso lembra uma observação de Clarice Lispector: “A palavra mais importante da língua tem uma única letra: é” – porque vem do verbo “ser”. Então, chegamos ao ponto: como é que um professor pode estar sendo pessoa para poder incorporar nele o professor? Fica essa provocação para outro diálogo...

